

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**



Renata Domingues Maciel

**“AFINAL, PODE HOMEM NA EDUCAÇÃO
INFANTIL?” HISTÓRIAS E NARRATIVAS DE
PROFESSORES HOMENS DA PRIMEIRA
INFÂNCIA.**

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

**Coordenação Central de Extensão
Curso de Especialização em Educação Infantil:
Perspectivas de Trabalho em Creches e Pré-Escolas**

Orientador/a: Alexandra Coelho Pena

Rio de Janeiro,
Setembro de 2018



Renata Domingues Maciel

**“AFINAL, PODE HOMEM NA EDUCAÇÃO
INFANTIL?” HISTÓRIAS E NARRATIVAS DE
PROFESSORES HOMENS DA PRIMEIRA
INFÂNCIA.**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-RIO como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientador/a: Alexandra Coelho Pena

**Coordenação Central de Extensão
Curso de Especialização em Educação Infantil:
Perspectivas de Trabalho em Creches e Pré-Escolas**

Rio de Janeiro,
Setembro de 2018

Já disse Guimarães Rosa: o animal satisfeito dorme. A todos aqueles insatisfeitos, que buscam desnaturalizar lugares e abrir caminhos.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, minha avó e minha Emília por sonharem os meus sonhos e por serem a melhor parte que carrego em mim.

A meu pai e meu irmão Vinicius pelo carinho e por serem exemplo de força e dedicação.

Às minhas amigas queridas Luiza Restum, Maria Gabriela Andrade, Ananda Canto, Aline Martins, Natalia Esteves e Jéssica Queto pelo apoio e pelos pequenos grandes gestos de parceria que me ajudaram a seguir de forma serena.

A meu companheiro Taynã pelo eterno incentivo, sugestões e conversas. É reconfortante saber que não estou só.

A meu avô Levi pela inspiração e amor além da vida.

A professora Vera Maria Candau que desde a época de minha graduação foi exemplo e estímulo para que eu me aventurasse no campo da pesquisa.

Aos professores entrevistados por dividirem suas histórias comigo.

À Turma da Careta pelo amor diário.

Agradeço em especial à minha orientadora Alexandra Pena, por todo apoio, orientação e ajuda na construção deste trabalho. Seu incentivo e conselhos de vida foram fundamentais para a finalização desse ciclo.

A essas pessoas agradeço por terem partilhado de um momento tão importante da minha trajetória pessoal e profissional. Levo de cada um/a um pouco e espero ter deixado em cada um/a um pouco de mim.

“E eu acredito que sim, o mundo deve estar feito de histórias porque são as histórias que a gente conta, que a gente escuta, recria, multiplica são as que permitem transformar o passado em presente. E que, também, permitem transformar o distante em próximo; o que está distante em algo próximo, possível e visível.” Eduardo Galeano.

RESUMO

Esta monografia apresenta uma pesquisa com professores homens, que, através de conversas e narrativas, possibilitaram a realização de uma análise crítica sobre a presença desses profissionais na Educação Infantil. O trabalho toma relevância já que o assunto está cada vez mais em pauta no meio acadêmico, além de ter despertado o interesse da mídia. Ao longo do trabalho, trago uma breve apresentação histórica da educação infantil e sua construção. E para análise das narrativas desses entrevistados, trago conceitos de Guaciara Lopes Louro, Maria Eliana Novaes, Alessandra Arce e Alexandra Pena. Para entender esse panorama segundo um viés histórico e político me apoiei em documentos como a Constituição Federal (BRASIL, 1988), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996) e entre outros. A produção também se configurou como uma experiência, pois produziu estranhamentos e encantamentos que permitiram uma reflexão sobre a própria prática da pesquisadora/professora/autora. Esse trabalho busca mais apontamentos e questões do que possíveis verdades, problematizando o cenário e os sujeitos relacionados.

Palavras-chave: Educação Infantil. Narrativas. Homens. Gênero.

LISTA DE SIGLAS

CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PNE	Plano Nacional de Educação
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
SISU	Sistema de Seleção Unificado
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. O QUE EXISTE DE PESQUISA SOBE O TEMA?.....	12
2. PANORAMA HISTÓRICO.....	14
2.1 As crianças na História.....	14
2.2 Criança Cidadã.....	15
2.3. Breve histórico da educação infantil e a presença dos professores homens....	17
3. OUVINDO OS PROFESSORES.....	20
3.1 Entrevistas.....	21
3.2 Sujeitos da Pesquisa.....	21
3.3 Categorias da Pesquisa.....	22
3.3.1 <u>“Que trabalhar com infância, com a educação infantil é uma das experiências mais incríveis”</u> : trajetórias felizes.....	22
3.3.2 <u>Eles achavam importante eu estar ali, naquele lugar”</u> : a relação com a gestão.....	23
3.3.3 <u>“Eu era aquela figura, aquela pessoa que tirava criança de cima do escorrega, que mandava sair da casinha”</u> : autoridade masculina.....	25
3.3.4 <u>“Nunca peguei turma dos menorezinhos”</u> : professores dos bem pequenos.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
BIBLIOGRAFIA.....	29
APÊNDICES.....	31

INTRODUÇÃO

Para iniciar esse trabalho eu preciso falar sobre o meu avô. Meu querido avô, um homem simples, de fala mansa e grande paciência. Senhor Levi, como era chamado, dizia aos quatros ventos que seu sonho era ser professor, mas quis os caminhos da vida que ele fosse feirante. Mas nunca deixou de falar que seu maior sonho era ser professor, nunca falou de que exatamente, mas acredito que queria mesmo era estar com as crianças, aprender e brincar junto. Afinal, isso ele sabia fazer muito bem! Falo isso, porque ele foi o meu maior professor, e acredito que teria realizado um trabalho magnífico como docente. Utilizava o que vinha pela frente para me ensinar, aprendi sobre matemática, português, biologia e também sobre empatia, humildade e carinho na feira e na vida com meu avô.

Essa é a história do meu Levi, que sonhou uma vida inteira em ser professor. E talvez, não sei bem, tenha sido um dos grandes influenciadores na minha escolha pelo magistério.

Meu avô poderia ter sido professor de Matemática? De Física? Ou de Educação Infantil? Não! De Educação Infantil não! Essa sempre foi a primeira resposta que vinha em meu pensamento. Mas por que de Educação Infantil não?

Comecei a perceber que durante toda a minha trajetória nos diversos ambientes de educação formal, pouco presenciei homens como docentes das séries iniciais ou colegas no curso de pedagogia. Talvez, por isso, nunca tenha imaginado meu avô em tal segmento. E foi esse estranhamento, essa não presença e olhar masculinos voltados para a Educação Infantil que me motivaram a querer descobrir mais sobre esse tema. É a partir da vontade de escutar as histórias, desafios, conquistas e desejos desses docentes que eu me alimento para realizar tal trabalho. É pelo meu avô, que não foi professor, mas que tenho certeza que amaria ver outros homens sendo.

Tendo meu avô como principal fonte de inspiração, a pesquisa busca, a partir das narrativas dos professores homens entrevistados, fazer uma análise crítica sobre a presença desses profissionais no trabalho com as crianças pequenas nas creches e pré-escolas. O objetivo desse estudo é conhecer quem são esses professores homens que atuam na Educação Infantil, conhecer as narrativas e a formação destes educadores. Estes objetivos se desdobram em algumas questões que orientam a investigação:

- Por que a docência na Educação Infantil?

- Quais os principais obstáculos enfrentados durante a trajetória profissional?
- Existe espaço para o docente do sexo masculino na Educação Infantil?
- Como se dão as relações no trabalho?

Encontrar homens em instituições de Educação Infantil não é algo tão corriqueiro e natural. Ao realizar uma pesquisa exploratória sobre o tema, encontrei dados que evidenciam a disparidade na presença entre ambos os sexos no trabalho com as crianças pequenas. O meu próprio espanto para com o meu avô, já me faz refletir sobre esse “ não lugar” do homem na Educação Infantil. Além disso, pude também perceber que a maior parte dos estudos sobre esse fenômeno é atual, evidenciando então que este é um tema cada vez mais em pauta nas discussões sobre gênero e educação. Sendo assim, é preciso se debruçar, olhar e problematizar sobre o assunto.

Na construção deste trabalho utilizei textos, conceitos e teorias estudadas ao longo de toda minha formação, seja na graduação em pedagogia, nas trocas em reuniões na escola, em palestras e no curso de pós-graduação.

Como primeira estratégia metodológica estudei documentos e a legislação que poderiam estar ligados ao tema, tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) a Constituição Federal (BRASIL, 1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), Política Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 1994) e o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998). Estes são alguns dos documentos que me ajudaram a entender a questão segundo um viés histórico e político.

Inicialmente realizei um estudo bibliográfico, buscando textos, documentos e estudos que abordassem as diversas questões relacionadas ao tema da pesquisa.

Em conjunto com esse estudo foram identificados três professores do sexo masculino, que já tivessem trabalhado na Educação Infantil, para a realização de entrevistas semi-estruturadas. Com o objetivo de conhecer as narrativas dos professores sobre suas experiências na Educação Infantil, optei pela pesquisa qualitativa com entrevistas semi-estruturadas. O primeiro capítulo trata sobre a caminhada de construção deste trabalho, inspiração, inquietações e escolhas fundamentais para sua elaboração. O segundo capítulo traz outros trabalhos e notícias de jornal que abordem o tema, conceitos de autores como Guaciara Lopes Louro, Débora Thomé Sayão e Alessandra Arce surgem no intuito de ampliar a compreensão sobre o tema e possibilitar o diálogo e análises apresentados nos demais capítulos. O capítulo 3 apresenta um panorama histórico sobre a Educação Infantil, sua construção e a presença dos professores homens ao longo desse

tempo. O quarto capítulo traz as entrevistas realizadas com os professores, suas histórias, questionamentos e também as análises realizadas a partir de suas falas. O capítulo final, traz todas as considerações feitas ao longo da pesquisa, perguntas para trabalhos futuros, percepções, caminhos e aprendizados.

1. O que existe de pesquisa sobre o tema?

Por mais que nos últimos anos tenhamos percebido uma mudança de olhar e um aumento da presença masculina na Educação Infantil na última década, os estudos acerca do tema ainda são escassos. Porém, tem se tornado cada vez mais comum encontrarmos artigos de jornal e revistas que abordem o tema. Sejam eles com questionamentos sobre essa não presença ou até mesmo apresentando dados.

Segundo o Censo Escolar 2016, estudo oficial com os dados mais recentes da educação básica no Brasil, há hoje 575 mil docentes na educação infantil brasileira, sendo 554 mil mulheres e 21 mil homens. Quer dizer, para cada professor homem numa creche ou sala de pré-escola, há 26 mulheres (GUILHERME AZEVEDO, UOL, SÃO PAULO, 02/09/2017).

A participação dos homens no magistério é maior conforme o avanço das etapas de ensino. Segundo o Censo Escolar 2016, na creche (de 0 a 3 anos), eles somam 2,3% do total de docentes. Na pré-escola (4 e 5 anos), são 4,8 %. Nos anos iniciais do fundamental, a taxa é de 10,7% e nos finais (do 6.º ao 9.º ano) o índice salta para quase um terço (30,4%) do total (ISABELA PALHARES, O ESTADO DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 14/06/2017).

Ao nos debruçarmos sobre o tema na área acadêmica encontramos, entre outros, os estudos e debates de Louro (1994;1997;2000;2004) e Sayão (2005) em relação às questões de gênero na Educação Infantil. Sayão (2005) aponta a presença do professor homem na Educação Infantil atrelada à ideia da sexualidade como ameaça. E em contrapartida à ideia de que a mulher por ser maternal cumpriria tal tarefa de forma “pura”.

Louro (1997) aborda a ideia da construção humana das identidades de gênero, evidenciando que gênero e sexualidade são identidades distintas, e que as mesmas evoluem com o tempo.

E os estudos de Novaes (1984), Arce (1997,2001) e Tambara (1998) falam do processo de feminização da profissão docente.

Novaes (1984) e Arce (1997) explicam que para as mulheres, o magistério, foi uma das primeiras oportunidades de trabalho fora de casa. As mesmas juntamente com Tambara (1998) trazem a concepção da “feminilização” do magistério e a “identificação entre a natureza feminil e a prática docente no ensino primário” (TAMBARA, 1998, p.

49), ou seja, a valorização dos atributos considerados femininos, como sensibilidade, amor e cuidado. Atributos esses “não pertencentes” aos homens, o que ajudava a compor o discurso e a manter os homens fora das salas de aula da Educação Infantil.

E por fim, temos os estudos de Pena (2015) voltados para as narrativas e histórias desses professores homens. Assim como este TCC, a autora apresenta um trabalho pautado no aprendizado a partir da escuta das narrativas e escuta das histórias de vida dos sujeitos de pesquisa:

Permeiar os encontros de formação com as histórias de cada um, as histórias de cada comunidade, de cada grupo é se abrir para o concreto, para a realidade. É entrar em relação com o outro. E se as interações são um dos eixos norteadores do currículo da Educação Infantil, as relações devem ser, antes de qualquer outra coisa, o foco da formação de professores. (PENA, 2005, p. 158)

Os textos estudados trazem diversas problemáticas, porém apesar de temáticas diferentes, todos os autores falam sobre esse estranhamento perante a presença masculina na Educação Infantil e a mobilização/exposição de preconceitos por parte de gestões, colegas e famílias.

Dentre tantas, podemos observar algumas questões comuns e principais que atravessam os autores - as questões de gênero. E também a busca pelo conhecimento das trajetórias desses homens na educação, principalmente na Educação Infantil, as razões motivadoras e as relações estabelecidas com os sujeitos que compõem as comunidades das quais os professores fazem parte.

Para melhor compreender o fenômeno apontado pela revisão de literatura sobre o tema, esse trabalho traz, no próximo capítulo, um histórico da Educação Infantil na tentativa de compreender a predominância das mulheres nesse segmento da Educação Básica.

2. Panorama Histórico

Para entender o cenário encontrado pelos professores homens na Educação Infantil, é necessário primeiro entender como esse caminho foi construído. Como se constituiu a Educação infantil? Quais os motivos que levaram a essa predominância feminina? Como os homens começam a chegar na Educação Infantil? Qual a concepção de criança que temos? Ao longo deste capítulo apresento um panorama e respondo algumas destas perguntas, que são fundamentais para que possamos analisar as diversas questões narradas pelos entrevistados.

2.1. As crianças na história

O conceito de criança sofreu e continua sofrendo diversas alterações ao longo da história. E ao nos debruçarmos sobre tais aspectos, é possível compreender a dimensão que a infância ocupa nos dias de hoje.

Farias (1997), em seu texto, relata o quanto as crianças eram vistas como mini adultos na Idade Média. Segundo a autora, não existia o sentimento de infância, o importante era que as crianças crescessem, para que pudessem trabalhar.

A infância, nessa época, era vista como um estado de transição para a vida adulta. Não se dispensava um tratamento especial para as crianças, o que tornava sua sobrevivência difícil. Para a sociedade medieval, o importante era a criança crescer rapidamente para poder participar do trabalho e de outras atividades do mundo adulto (FARIAS, 1997, p. 19).

No século XIII, as crianças eram vistas como livros em branco, que precisavam ser preenchidos para a vida adulta. E cabia aos adultos preencherem os mesmos com os costumes e valores adequados à moral da época.

Ao contrário do que acredita o senso comum, a ideia da infância como um período peculiar de nossas vidas, não é um sentimento natural ou inerente à condição humana. Segundo Philippe Ariès (1981), essa concepção, esse olhar diferenciado sobre a criança teria começado a se formar com o fim da Idade Média.

Contudo, um sentimento superficial da criança – a que chamei de “paparicação” – era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato (ARIÈS, 1981, p.10).

É interessante notar que as primeiras demonstrações são caracterizadas pela paparicação, ou seja, a criança (principalmente da elite) era vista como um ser inocente e divertido; servindo como meio de entreter os adultos. O mimo não era sua única forma de expressão, também observada em situações de morte infantil, antes considerada inevitável, e até previsível, era agora recebida com muita dor e abatimento.

No século XVII, com a intensificação das críticas, as perspectivas e ações em relação à infância começam a se deslocar para o campo moral e psicológico: "É preciso conhecê-la e não paparicá-la, para corrigir suas imperfeições" (ARIÈS, 1978, página). Embora esses dois sentimentos de infância tivessem origens diferentes, um provindo da família e o outro do meio eclesiástico e/ou intelectual, sob qualquer uma das visões, é possível perceber que a criança perde seu anonimato e assume um papel central no meio familiar.

A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ARIÈS 1981, p.12).

2.2. Criança Cidadã

Foram muitos os avanços ocorridos no Brasil na última década do século XX relacionados à infância. Nossa sociedade assegurou os direitos das crianças através de diversos documentos, como a Constituição Federal, as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Estatuto da Criança e do Adolescente e outros.

Hoje - depois de muito anos de luta - há uma concepção de criança cidadã e de Educação Infantil como direito da criança, que estão assegurados por lei. Porém, isso não garantiu, no entanto, que a realidade das crianças brasileiras tenha mudado, especialmente da população infantil mais empobrecida. Logo as leis e diretrizes, ajudaram a desenvolver uma concepção de cuidar e educar das crianças de acordo com uma pedagogia cidadã, que sem dúvida passou a ser demanda na última década do final do século passado.

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina, etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns do ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças (BRASIL, 1998, p.22).

Segundo Leite Filho (2001), o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei aprovada em 1990, contribuiu para a construção de uma nova forma de olhar - a visão de criança como cidadã. A criação do Conselho da Criança e do Adolescente neste mesmo ano é vista como um aspecto marcante na luta pela valorização e reconhecimento da infância no âmbito das políticas públicas.

A educação é dever da família e do estado inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996, art. 2º, LEI Nº 9.394.).

A LDB (BRASIL, 1996) ressalta que o atendimento em creches e pré-escolas é um direito social das crianças que se afirmou na Constituição de 1988, desse modo, houve o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado.

O dever do Estado com educação escolar pública está efetivado mediante a garantia de (...) atendimento gratuito em creches e pré-escolas as crianças de zero a seis anos de idade (BRASIL, 1996, LEI Nº 9.394).

Antes de 1988, a creche era caracterizada como um local onde os pais deixavam as crianças, sem nenhuma proposta pedagógica, pois esta não tinha vínculo educacional, era considerada como depósito de crianças. Com a constituição de 1988, a creche torna-se equipamento educacional, deixando de ser um equipamento de caridade. Desse modo, a realidade vai adaptando-se à lei, ou seja, é responsabilidade da creche e da pré-escola propiciar a construção da identidade pessoal e coletiva da criança.

A proposta da Educação Infantil é ampla, busca ser capaz de ver a criança na sua integralidade, sendo assim, o currículo deve articular as experiências das crianças com o patrimônio cultural, artístico, ambiental, científica e tecnológica e a proposta pedagógica deve orientar a prática. De acordo com as DCNEIs (BRASIL, 2009), os espaços da instituição devem ser preparados de maneira a propiciar o desenvolvimento das crianças.

Leite Filho (2007) apresenta a ideia da criança como possibilidade para a mudança. Segundo o autor, a criança é uma possibilidade para algo novo, causadora de mudanças. Sendo assim, o Estado, suas políticas públicas e instituições precisariam estar cientes e preparados para essas constantes modificações.

2.3. Breve histórico da Educação Infantil e a presença dos professores homens

No século XVIII, na França, com o crescimento das indústrias, surgiram as primeiras instituições voltadas para o cuidado de crianças pequenas chamadas de asilos ou refúgios. Essas instituições, por sua vez, tinham cunho assistencialista e sem pretensões pedagógicas, serviam de abrigo para os pequenos enquanto suas mães trabalhavam.

No Brasil, com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, muitas tiveram que abrir mão dos cuidados dos filhos, antes responsabilidade exclusiva delas. Devido à jornada de trabalho, a creche aqui nasceu com o intuito principal de auxiliar essas mães. As mulheres que tinham condições financeiras e opção de ficar com seus filhos em casa continuaram com essa prática.

O trabalho fora do lar, para elas, tem de ser construído de forma que o aproxime das atividades femininas em casa e de modo a não perturbar essas atividades. Assim, as mulheres que vão se dedicar ao magistério serão, a princípio, principalmente as solteiras, as órfãs e as viúvas (LOURO, 1997, p. 104).

Com isso, o magistério no Brasil nasce e mantém características predominantemente femininas, e a associação da tarefa educativa com cuidados maternos foi um dos fatores que contribuiu para a feminização dessa profissão. Segundo Novaes (1984) e Arce (1997) enquanto os homens foram ocupando outros espaços de maior prestígio social, o magistério, voltado para as crianças pequenas, foi uma das primeiras oportunidades de trabalho fora de casa que a sociedade consentiu para as mulheres.

O atendimento a crianças pequenas aparece no Brasil no século XVIII, e segundo Leite Filho (1997), também com caráter assistencialista, assim como surgiu na Europa em seus primórdios. Como relata Farias (1997), na virada do século XIX, a creche pública apresentava um caráter higienista, focado na saúde, uma vez que o governo passa a se preocupar com as famílias pobres em relação aos cuidados básicos das suas crianças. Era pensada como uma instituição de combate à mortalidade infantil, de cunho médico-sanitarista para albergar filhos de operários, sem grandes preocupações com o papel pedagógico evidenciado anos depois.

Na década de 60, o quadro que se via no Brasil era: de um lado creches públicas assistencialistas para mero cuidado, e de outro, creches particulares voltadas para a educação e o desenvolvimento social, cognitivo e emocional da criança. O governo

também acreditava que a família pobre não tinha capacidade de educar bem seu filho, mantendo desta forma, a tradição assistencialista.

A partir da década de 1980, na teoria, a criança passa a ser sujeito de direitos, e várias leis são formuladas para garantir seu ingresso nas instituições de ensino. Farias (1997) conta que a pré-escola passa a ser incluída na política social, e o direito da criança se torna dever do Estado. A escola, portanto, deixa de ser direito da mãe e se torna direito da criança. A Constituição de 1988 foi um grande marco democrático para o país, e a luta pelas demandas da Educação Infantil está refletida nela. Porém, como assinalou Campos (1999):

A inclusão das creches no sistema educacional não garante por si só, a superação de uma tradição que sempre considerou esse atendimento como “mal menor” justificável somente para as crianças da pobreza (CAMPOS,1999,p 30.).

Ao analisarmos esse panorama histórico apresentado acima, conseguimos entender a dimensão da situação em que os homens docentes da Educação Infantil se encontram e como a mesma foi gerada. Segundo o Censo Escolar (2017), no Brasil há hoje 575 mil docentes na Educação Infantil, sendo 554 mil mulheres e 21 mil homens.

Apesar ainda desta disparidade entre os números de homens e mulheres, nos últimos tempos observamos que a presença masculina vem crescendo significativamente. O número de professores homens concursados tem crescido, e uma das justificativas que encontramos em pesquisas que abordam esta questão, é a busca pela estabilidade que o concurso público oferece.

Ao longo deste capítulo apresentamos a ideia que existe em torno da necessidade de cuidados físicos que as crianças pequenas demandam, e que são socialmente e historicamente funções direcionadas às mulheres e consideradas femininas. Porém pensando nisso, juntamente com esse dado do Censo Escolar (2017), surgem as seguintes perguntas:

- Que vozes masculinas seriam essas?
- O cuidado pode ser aprendido?
- Homens e mulheres aprendem a cuidar de maneiras diferentes?

Seguindo essa linha, muitas outras questões surgem e nos fazem questionar esse lugar de docente na Educação Infantil. Sendo assim, a presença desses professores homens pode se constituir como uma chance de aproximação, de mobilização de preconceitos, de rompimento de estigmas e barreiras em prol de alterações estruturais e culturais que desaguariam em mudanças na identidade do docente da Educação Infantil.

3. Ouvindo os professores

Neste capítulo do trabalho vamos abordar as questões acerca da escolha da metodologia de pesquisa. O que é entrevista? Por que desta escolha? Como as entrevistas aconteceram?

Além disso há uma breve apresentação dos sujeitos, com seus perfis, como nome, idade, tempo de atuação na educação e na Educação Infantil. Dados esses importantes para a compreensão das análises.

As categorias de pesquisa foram criadas a partir do que emergiu das narrativas dos professores nas entrevistas. Em conjunto com essas categorias também estarão presentes as reflexões e análises feitas a partir das mesmas.

3.1. Entrevistas

A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas, atualmente, em trabalhos científicos. Ela permite ao pesquisador extrair uma quantidade muito grande de dados e informações que possibilitam um trabalho bastante rico. (BRITTO, 2011, p.02)

Pensando em todos os quesitos que a escolha da pesquisa tem a oferecer e na forma aberta, próxima e sensível com que desejava interagir com os entrevistados, não poderia haver outra escolha senão a pesquisa de campo. Essa pesquisa teve como metodologia realizar entrevistas onde os docentes pudessem compartilhar suas experiências, vivências e trajetórias. A ideia de ter algumas perguntas norteadoras era para que tivéssemos sempre um norte, um caminho a seguir e pontos que não poderiam deixar de ser questionados ou lembrados.

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas. (RICHARDSON, 1999, p. 207).

Escutar o outro, aproximar-se de sua história, estar inteiro nessa troca é uma das vantagens que a entrevista oferece. Estar presente, dialogando, levantando ideias e escutando tornam a construção do trabalho e troca entre entrevistador e entrevistado algo rico e único em cada uma delas. Possibilitando e abrindo margem também para questões não pensadas antes e trazidas pelos próprios entrevistados.

As entrevistas aconteceram individualmente, em lugares diferentes, dentre eles, um café, em uma área coletiva de uma Universidade e uma sala em uma escola de Teatro.

As conversas duraram cerca de uma hora com pequenas variações, com um clima tranquilo, de confiança e partilha com o outro. Foi um momento de retorno à própria história, à própria infância por parte dos entrevistados, e de escuta sensível e olhar atento por parte do entrevistador. A confiança dos entrevistados em partilhar suas histórias foi o que tornou possível a junção de tantas questões, situações e experiências que possibilitaram a análise, reflexão e construção deste trabalho.

3.2. Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa teve como foco os professores homens da Educação Infantil. Foram selecionados três professores, utilizando o critério de que os mesmos deveriam atuar ou já terem atuado como docentes na primeira infância. Um outro critério de escolha dos mesmos era que atuassem em diferentes instituições.

Os professores escolhidos atendem a um público heterogêneo, constituído por pessoas pertencentes a diferentes classes sociais, com históricos escolares diversos, que variam entre escolas públicas e privadas e também se compõe de uma pluralidade étnica, racial e de cor. Esses diferentes aspectos são ressaltados ao final da pesquisa, porém não foram elementos norteadores do estudo. Abaixo temos um quadro que apresenta o perfil dos entrevistados:

Dados dos professores entrevistados			
Nome	Pedro	Anderson	Roberto
Idade	32 anos	52 anos	35 anos
Escolaridade	Superior Completo (Pedagogia)	Superior Completo (Pedagogia)	Superior Completo (Psicologia)
Tempo de Atuação na Educação	14 anos	25 anos	16 anos
Tempo de Atuação na E.I.	11 anos	25 anos	16 anos
Instituição em que atua	Privada	Privada	Federal

Fonte: Quadro com o perfil dos entrevistados (MACIEL, 2018)

Podemos observar no quadro que os três docentes já passaram da casa dos trinta anos e possuem uma trajetória longa na docência e sendo senão a totalidade, a maior parte dela na Educação Infantil.

Além disso, temos todos os professores com Ensino Superior Completo, o que nos remete a um investimento na formação profissional. Dois dos docentes entrevistados trabalham em escolas privadas e um deles trabalha em uma escola federal. Ressalto ainda que todos os entrevistados moram e dão aula no município do Rio de Janeiro.

Tendo os dados básicos sobre os entrevistados é possível fazer uma leitura de contexto e assim possibilitar uma análise aberta e abrangente. Todas as entrevistas foram audiogravadas com a permissão dos entrevistados e transcritas na íntegra. Com o intuito de manter em sigilo a identidade dos mesmos, os nomes aqui citados são todos fictícios. As histórias partilhadas serão compartilhadas e analisadas nos capítulos seguintes.

3.3. Categorias de Pesquisa

Após a transcrição de todas as entrevistas e como forma de analisar os dados, os mesmos foram organizados em categorias. A ideia era agrupar os pares, respostas ou experiências similares para assim realizar uma análise em conjunto. Foram criadas quatro categorias:

1. Trajetórias felizes.
2. Apoio das gestões.
3. Autoridade Masculina.
4. Professores dos bem pequenos.

Os nomes dados às categorias derivam do assunto em questão que será abordado em cada uma delas, assuntos esses oriundos das entrevistas e recorrentes entre as mesmas.

3.3.1. “Que trabalhar com infância, com a educação infantil é uma das experiências mais incríveis “: trajetórias felizes

Olha eu nunca na minha vida vi alguém com tanto jeito para trabalhar com criança quanto você. Você não quer ficar? Aí eu fiquei e foi já com uma turma. Minha família sempre me apoiou. Achavam o máximo. Eu me sinto muito feliz na educação infantil. (ANDERSON, 2018).

Como eu me encontrei nessa profissão e eu definitivamente descobri que eu sou um professor. Que é isso que eu quero. Que trabalhar com

infância, com a educação infantil é uma das experiências mais incríveis. É uma coisa que eu levo para a vida. (PEDRO, 2018).

Eu fui atravessado pela educação. Eu não tenho referência de professor na família, a não ser a minha tia. Eu não pensava em ser professor. Mas eu fui atravessado pela educação. E eu fui atravessado de uma forma muito boa, muito positiva e engrandecedora no pessoal. Eu comecei a entender que o meu trabalho como educador me trazia uma completude, uma certeza de um trabalho gratificante. (ROBERTO,2018).

Podemos perceber que, ao contrário do que outras pesquisas e narrativas apontam, os professores entrevistados nesse trabalho apresentam trajetórias felizes, com apoio das famílias e em espaços que acreditavam nos mesmos. Moita (1995) traz uma reflexão sobre a influência dos que nos cercam em nossas escolhas e decisões.

O “ papel” dos outros espaços de vida em relação à profissão pode ser muito diversificado. Os outros espaços de vida, nomeadamente o espaço família e o social, podem ser um “limite” um contributo, um “acessório”, em relação à vida profissional (MOITA, 1995, p.138).

Sendo assim, podemos perceber que o encorajamento, a influência positiva e ou desestímulos, críticas de amigos e familiares podem ser pontos importantíssimos na decisão de uma carreira, e se a mesma irá se configurar como uma trajetória feliz ou não.

3.3.2. “Eles achavam importante eu estar ali, naquele lugar”: a relação com a gestão

Todos os três professores em suas entrevistas, apontavam o apoio que tiveram das gestões ao longo dos anos como um aspecto importante e muito positivo em suas trajetórias. Os mesmos afirmaram que as gestões sempre confiaram em seus trabalhos, acreditando em suas capacidades e investindo em suas formações. Mesmo com o apoio das gestões, um dos entrevistados apontou os desafios enfrentados, as mudanças e os estranhamentos enfrentados no início da carreira.

Em um primeiro momento a escola falou que não tinha vaga para mim. Mas antes disso, os pais já tinham se movimentado. Escreveram carta falando que eu deveria assumir uma turma. Enfim, houve um movimento das famílias por conhecerem a minha relação com as crianças. Um ou dois dias depois desse episódio eles me fazem uma proposta para assumir turma com uma pessoa que estava grávida e que a turma ia ser minha depois que a professora sáísse. Que eu ia ficar no início como auxiliar, mas que depois eu continuaria e terminaria o ano. E aí eu topei. (PEDRO, 2018).

Podemos perceber neste trecho da entrevista que, apesar de Pedro mostrar ser um bom professor, a escola não sabia como lidar com a ideia de ter um docente homem na educação infantil.

A educação infantil – tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola – é uma atividade historicamente vinculada à “ produção humana” e considerada de gênero feminino, tendo além disso, sido sempre exercida por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais, que podem estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas. Isto é, diferentemente de outras formas de ensino, que eram ocupações masculinas e se feminizaram, as atividades do jardim-de-infância e de assistência social voltadas à infância, pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX, tendo ideias diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período (ROSEMBERG, 1999, p.11)

A partir desta perspectiva podemos perceber a dificuldade enfrentada pelos homens que desejam lecionar em turmas de Educação Infantil, e também podemos compreender o estranhamento e insegurança das instituições e das equipes durante esse primeiro momento de mudança e novos caminhos. Isso é, a entrada de homens em um campo eminentemente feminino. Sayão (2005) afirma que, inicialmente existe certo desconforto em relação a esses docentes, “a chegada de um homem num espaço dominado por mulheres e supostamente feminino produz uma sensação de deslocamento, desconfiança e incômodo”.

Os professores ainda apontaram alguns poucos episódios onde a questão de gênero se fez presente e gerou atrito por parte das famílias, mas que foi mediada pela gestão, de forma respeitosa e cuidadosa para com os docentes.

Teve um episódio que eu posso falar que foi assim mais delicado. Mas aí eu percebi uma parceria dessa instituição que foi muito positiva. Foi uma vez que uma família foi matricular uma menina. Eles fizeram todo o trâmite de matrícula e a menina estava matriculada na escola. Quando os pais souberam que o professor seria um professor homem a família não aceitou. Porque queriam que a menina tivesse uma experiência na educação infantil com uma professora mulher. Não fazia sentido para eles ter um homem atuando. E a escola foi muito clara.

- Se não faz sentido para vocês, esse não é o lugar ideal para vocês escolherem para sua filha.

Eles cancelaram a matrícula e saíram da escola. Isso me mostrou o quanto a escola acreditava no meu trabalho. Eles achavam importante eu estar ali, naquele lugar (ROBERTO, 2018).

Nesse fragmento fica clara a dimensão que o apoio das gestões ocupa na trajetória desses docentes. O quanto o apoio, a ajuda e a valorização dos mesmos traz mais confiança e senso de pertencimento a esse espaço que é a Educação Infantil.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (LARAIA, 2009, p.68)

De acordo com o fragmento acima, podemos dizer que os aspectos culturais influenciam nas decisões, escolhas e comportamentos. E assim, causando estranhamento quando não caminha de encontro aos modelos vividos, em busca de uma mudança. Nesse caso, o apoio das gestões como ponto fundamental nessa quebra de paradigmas, sendo na prática, em ações, em escolhas em busca da mudança na docência da primeira infância se torna algo marcante não só nesse caminhar e luta, mas também na história pessoal desses docentes.

3.3.3. “Eu era aquela figura, aquela pessoa que tirava criança de cima do escorrega, que mandava sair da casinha”: autoridade masculina

Segundo Carvalho (1998) “a figura masculina está mais associada à autoridade e o homem professor seria mais disciplinador ou mais adequado para lidar com casos de indisciplina, especialmente de garotos”. Essa questão fica clara com os relatos dos entrevistados:

No começo teve. Quando eu entrei. Justamente no primeiro ano. Eu era o homem. Eu era aquela figura, aquela pessoa que tirava criança de cima do escorrega, que mandava sair da casinha. Mas eu não queria ser o cara que tirava do escorrega, que mandava parar de bater. Eu queria contar história, eu queria brincar e fazer tudo que elas faziam. E elas perceberam que eu queria ser igual a elas. Eu não queria ser o malzão e ser o cara bravo da escola. Não queria ser chamado para dar bronca (ANDERSON, 2018).

Uma coisa que eu ouvi muito foi em relação àqueles alunos ditos difíceis, que tem mais dificuldade de lidar com a regra. Como as pessoas dizem que eles precisam ter professores homens. Isso é outra coisa que me incomodou muitas vezes. Porque ele é homem, tem que ser mais firme e o aluno vai obedecer mais. Isso não tem nada a ver com ser homem ou não (PEDRO 2018).

Hentges (2013.) defende a ideia de que “é necessário desnaturalizar a ideia de uma masculinidade referente, onde os homens só podem ser fortes, corajosos, agressivos, e compreender as masculinidades como plurais, onde os homens também podem ser

afetuosos, cuidadosos e sensíveis”. É entender que homens e mulheres possuem os mesmos atributos e direitos de ocupar o lugar na docência da primeira infância, não possuindo mais a questão de gênero como ponto de escolha, de entrada e seleção.

3.3.4. “Nunca peguei turma dos menorezinhos”: professores dos bem pequenos

Nunca peguei turma dos menorezinhos. Eu adoro. Pego no colo. Mas assim eu teria uma certa dificuldade. Não me sinto à vontade. Eu tenho filho. A única fralda que eu troquei foi a do meu filho (ANDERSON, 2018).

Qualquer erro, qualquer coisa que você faça, isso não denota a você individualmente, denota a um grupo. Porque é isso, é um professor homem. Então se você grita mais, é porque você é um professor homem (PEDRO, 2018).

Durante as entrevistas e de acordo com os fragmentos destacados, podemos perceber que apesar de atuarem há anos na educação infantil, as turmas dos menores, ou até a dos bebês não era almejada ou oferecida a nenhum deles. Ramos (2017) já apontava para este dado em seu estudo:

Quando se fazia necessário assumir a regência de turmas, eles eram encaminhados, normalmente, para as turmas de crianças maiores (3,4 ou 5 anos de idade) e que apresentassem maior autonomia. Importante destacar que, de modo geral, as crianças maiores, por frequentarem apenas o período parcial, não tomam banho ou necessitam trocar fraldas na instituição (RAMOS, 2017, p.125).

Ao refletirmos sobre tal questão, podemos apontar dois pontos como possíveis. O primeiro seria a ideia de que as mulheres sabem cuidar melhor das crianças pequenas do que os homens e a segunda é o medo do abuso e da violência por parte dos homens.

A partir dessas reflexões, podemos fazer os seguintes questionamentos: o cuidado pode ser aprendido? Homens e mulheres aprendem a cuidar e maneiras diferentes? O cuidar e educar são aspectos separados no humano?

Segundo Badinter (1993), a maternagem e os cuidados podem ser aprendidos por homens e mulheres. “[...] a maternagem não tem sexo” (BADINTER 1993, p.178.).

Já de acordo com o segundo ponto levantado, temos o constante medo do abuso sexual quando se trata da atuação dos homens na Educação Infantil. A ideia de ter um professor exercendo funções que estão diretamente ligadas aos cuidados corporais das crianças causa profundo estranhamento, conflitos e dúvidas.

É indubitável a crença disseminada de um homem sexuado, ativo, perverso e que deve ficar distante do corpo das crianças. Em

contrapartida, há formas explícitas de conceber as mulheres como assexuadas e puras e, portanto, ideias para este tipo de trabalho (SAYÃO, 2005, p.16).

Segundo Sayão (2005) e de acordo com os fragmentos das entrevistas, percebemos que a necessidade de cuidados físicos que são historicamente e socialmente identificados como uma função feminina, colocam a mulher também como assexuada, sendo assim de certa forma legitimada e autorizada a exercer essa função.

Considerações finais

Algumas questões você fica sempre mexido. A reflexão é o tempo inteiro sobre isso. Você fica mexido, mas você entende que aquilo não é só seu. Não é uma questão individual (PEDRO, 2018).

Ao longo do trabalho pude me deparar com questões históricas e culturais que explicam o porque e como se deu essa estruturação da docência na Educação Infantil como uma vocação feminina e quais foram os argumentos e comportamentos gerados para sua legitimação.

Segundo Louro (1997), a escola é atravessada pelos gêneros.

O que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino (LOURO, 1997, p.89).

Porém, olhando atentamente e de acordo com os dados trazidos na pesquisa podemos observar uma crescente, mesmo que ainda singela, presença desses docentes homens da primeira infância. Temos cada vez mais homens, rompendo com estereótipos e ocupando esse espaço.

Gênero, sexualidade, corpo e cuidado são categorias fortes e causam grande impacto em discussões na sociedade, ainda mais se estiverem ligadas à educação e às crianças pequenas. Mas ao longo da pesquisa e depois de escutar cada um dos entrevistados fica claro que só com debates, reflexões, desconstruções que poderemos ter a possibilidade de recriar novas situações e relações.

Ao longo do trabalho, encontramos dados e apontamentos também presentes em outras pesquisas relacionadas ao tema, tão em pauta na atualidade. Sendo assim, a mesma vem para corroborar com as ideias já apontadas por outros autores, e para fazer coro no fortalecimento da presença masculina nas escolas da primeira infância.

Mas não podemos deixar de ressaltar um ponto positivo e não tão presente nas demais pesquisas estudadas, a ideia de trajetórias felizes. Os professores entrevistados afirmavam com segurança o orgulho e alegria pela escolha do magistério e o trabalho com as crianças pequenas, falaram em realização e completude. Olhando minuciosamente tais narrativas surgem como possibilidade de ouvir um discurso outro, de incentivo, de possibilidade para outros homens que pensam e desejam escolher este caminho.

Por fim ressalto que este trabalho possibilitou a mim quanto professora, pesquisadora, autora e mulher uma reflexão acerca da minha prática, discursos e posicionamentos em relação às questões de gênero. O percurso de construção desta monografia tornou possível a desnaturalização de uma concepção de masculinidade que distancia os homens da primeira infância e os exclui da relação e da capacidade de cuidar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

a) Um autor

ARCE, Alessandra. Jardineira, Tia e Professorinha: a realidade dos mitos. 1997, 128 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 1997.

ARCE, Alessandra. Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 113, p. 167-184, jul. 2001.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BADINTER, Elisabeth. Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

CAMPOS, Maria Malta. “A mulher a criança e seus direitos”. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.106, p.117-127, março/1999.

CARVALHO, M.P. Vozes masculinas numa profissão feminina. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.6, n.2, p.406-424,1998.

FARIAS, Sonimar. “História e política da educação infantil”. In: KRAMER, Sonia et alii. Educação infantil em curso. Rio de Janeiro, Ravil, 1997.

LARAIA, R.B. Cultura um conceito antropológico. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEITE FILHO, Aristeo. “Educação Infantil: uma história a ser urdida”. In: Educadora de educadoras: trajetória e ideias de Heloísa Marinho. Rio de Janeiro, PUC-Rio. 1997

LEITE FILHO, Aristeo. “Proposições para uma educação infantil cidadã”. In: LEITE FILHO, Aristeo GARCIA, Regina (orgs). Em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: DP&a, 2001.

LEITE FILHO, Aristeo. Alguma coisa está faltando. Como pensar políticas públicas para as crianças no Brasil de hoje?. 2007. (mimeo).

LOURO, Guaciara Lopes. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo: EDUC, n.11, nov. 1994.

LOURO, Guaciara Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guaciara Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: Louro, Guaciara Lopes. O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guaciara Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes,2004.

MOITE, Maria da Conceição. Percursos de Formação e de Transformação. In: Nóvoa, Antonio (coord.). Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 1995.

MOYSÉS, Kuhlmann Jr., Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

NOVAES, Maria Eliana. Professora Primária: Mestra ou tia. São Paulo: Cortez, 1984

RAMOS, Joaquim. Um Estudo sobre os Professores Homens da Educação Infantil e as Relações de Gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte. Minas Gerais, 2011.

RAMOS, Joaquim. Gênero na Educação Infantil > relações (im)possíveis para professores homens. Jundiá, Paco Editorial:2017.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 327p. ISBN: 8522421110.

ROSEMBERG, Fúlvia. Expansão da Educação Infantil e professoos de exclusão. Cadernos de Pesquisa, n. 207, p. 7-40, julho/1999.

SAYÃO, Thomé Débora. Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: Um estudo de professores em creches. Tese de (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2005.

TAMBARA, Elomar. Profissionalização, escola normal e feminilização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX. História da Educação/ ASPHE (Associação Sul-rio-grandense de pesquisadores em História da Educação). Pelotas, n.3, p. 35 – 58, abril 1998.

b) Dois autores

BRITTO, A. F. J.; FERES, N. J. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. Evidência. Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.

HENTGES, K. J.; JAEGER, A. A. As relações de gênero e a docência masculina na educação infantil. Santa Maria – RS, Brasil, 2013.

c) Citações de leis e documentos das políticas públicas

BRASIL. Constituição (1988) Constituição da República federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Política Nacional de Educação Infantil. Brasília, 1994.

BRASIL. Lei n.9394, Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Editora do Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Referencial curricular Nacional para educação infantil. Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2009.

APÊNDICE - Roteiro para as entrevistas

1. Qual a sua idade?
2. Há quantos anos atua como professor?
3. Há quantos anos atua ou atuou como professor na Educação Infantil?
4. Já atuou em outros segmentos? Quais? Por quanto tempo?
5. Trabalha em Instituição Pública ou Privada?
6. Fez curso normal?
7. Cursou faculdade? Qual curso?
8. Se pudesse escolher hoje, teria algum curso superior que gostaria de cursar?
9. Por que escolheu o magistério?
10. Por que escolheu a Educação Infantil?
11. Sofreu críticas por escolher o magistério?
12. Sofreu críticas por escolher atuar na Educação Infantil?
13. Na sua infância teve algum professor, homem, na Educação Infantil?
14. Você acredita que professor de Educação Infantil encontra obstáculos para exercer sua função nas escolas do Rio de Janeiro?
15. Quais os principais obstáculos enfrentados durante sua trajetória?
16. Já pensou em desistir da profissão por ser homem?
17. Como você vê o trabalho de professores, homens, na Educação Infantil?
18. Como são as relações no trabalho?
19. Se tivermos mais homens trabalhando nos berçários seria vantagem ou desvantagem para o trabalho na Educação Infantil? Por quê?
20. Existe algo que você julgue importante, sobre a atuação dos pedagogos na Educação Infantil, que não foi mencionado nas perguntas?